Bolsas
Na sexta-feira
1,8% São Paulo
2,12% Nova York

Pontuação B3
Ibovespa nos últimos dias
108.967 — 112.558
30/5 31/5 1/6 2/6

Dólar
Na sexta-feira
R$ 4,953
(- 1,07%)

Últimos	
29/maio	5,012
30/maio	5,042
31/maio	5,073
1/junho	5,006

Salário mínimo
R$ 1.320

Euro
Comercial, venda na sexta-feira
R$ 5,304

CDI
Ao ano
13,65%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
13,64%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Dezembro/2022	0,62
Janeiro/2023	0,53
Fevereiro/2023	0,84
Março/2023	0,71
Abril/2023	0,61

»Entrevista | **VAGNER FREITAS** | PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DO SESI

Dirigente defende diálogo entre todos os setores sobre mudança nos impostos. Proposta será debatida no **Correio** no dia 20

Reforma tributária é para todos

» ROSANA HESSEL

O presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria (Sesi), Vagner Freitas, demonstra otimismo com o avanço da reforma tributária no terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Para ele, a reforma precisa acontecer e logo no início do mandato.

O sindicalista e ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) destaca que o principal interesse do governo é redistribuir melhor a carga de impostos e fazer quem paga pouco ou não paga, pagar mais imposto. E não poupa elogios ao amigo e ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

"O setor está otimista com o trabalho do ministro Haddad. Ele tem discutido diretamente com a indústria pontos da reforma que interessam. A ideia não é penalizar aqueles que pagam impostos em dia, geram emprego de qualidade no Brasil, como a indústria, e, sim, ter um processo de cobrar de quem efetivamente não paga", afirmou.

Vagner Freitas defendeu debates como o que será realizado pelo **Correio**, *no próximo dia 20, em Brasilia, com transmissão pelas redes sociais do jornal, sobre a reforma tributária, para que a proposta tenha mais contribuições de todos os integrantes da sociedade. "Queremos debater a reforma com os outros atores da sociedade. Vamos ter trabalhadores, acadêmicos, inclusive, especialistas do setor financeiro", destacou. Veja os principais trechos da entrevista concedida ao* **Correio**:

A reforma tributária voltou a tramitar no Congresso e é uma das prioridades do governo. O setor está otimista?

O setor está otimista com o trabalho do ministro Haddad. Ele tem discutido diretamente com a indústria pontos da reforma que interessam. Pelo que entendi, a ideia não é penalizar aqueles que pagam impostos em dia, geram emprego de qualidade no Brasil, como a indústria, e, sim, ter um processo de cobrar de quem efetivamente não paga. O Brasil tem no sistema tributário um dos grandes entraves, porque temos que arrecadar mais para aplicar em programas públicos que venham a desenvolver o Brasil. Tem que fazer essa reforma no início de governo. Se tentar fazer pelo fim de governo, não faz.

A indústria encolheu 0,1% no PIB do primeiro trimestre — e 0,6% só em abril. Com isso, ainda não conseguiu se recuperar do patamar pré-pandemia...

Não consigo ver desenvolvimento sem indústria. Foi extremamente importante o crescimento do PIB, agora, o crescimento do PIB, obrigatoriamente, não significa desenvolvimento do país para todas as pessoas. O que traz desenvolvimento para todas as pessoas é o crescimento da indústria, da produção. Quando a produção cresce, há geração maior de empregos.Falta um plano de desenvolvimento e retomada da indústria. O vice-presidente e ministro Geraldo Alckmin tem falado diretamente com o setor e também temos discutido o que ele e o presidente Lula chamam de neo industrialização.

O que seria isso?

É preciso ver qual é a indústria que o Brasil precisa. O país não quer ser exportador de produto primário para voltar com produtos manufaturados. Temos que agregar à nossa indústria tecnologia, eficácia e eficiência. Nós queremos ter uma indústria competitiva, moderna, acima de tudo, agregando tecnologia e conhecimento. O Brasil tem que ser um pólo de tecnologia e estamos preparados para isso se tivermos condições para que isso aconteça.

E qual a sua expectativa em relação ao debate que será realizado pelo Sesi, em parceria com o Correio, no próximo dia 20?

Fiz questão de procurar uma parceria para ouvir e debater várias opiniões. Nós queremos debater a reforma tributária com os outros atores da sociedade. Vamos ter trabalhadores, acadêmicos, inclusive, especialistas do setor financeiro. É importante ouvi-los nesse processo, nessa construção (do debate da reforma). O governo que vai estar presente por meio dos ministérios da Fazenda e do Mdic. O Brasil precisa de um debate sério, com informações, com números, com aprofundamento. A questão tributária é importantíssima para a economia brasileira, para a tomada de decisão de que rumo o Brasil vai tomar sobre a reforma. Estou com expectativa muito favorável.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



> A ideia não é penalizar aqueles que pagam impostos em dia, geram emprego de qualidade no Brasil, como a indústria, e, sim, ter um processo de cobrar de quem efetivamente não paga. O Brasil tem no sistema tributário um dos grandes entraves"

No debate anterior sobre reforma tributária, realizado pelo Correio, o secretário extraordinário da reforma tributária no Ministério da Fazenda, Bernard Appy, falou que a reforma pode alavancar de 12% a 20% o PIB potencial...

É uma mudança significativa para o desenvolvimento do país. Nós temos a expectativa de que isso seja um mantra, e com uma indústria desenvolvida e, na minha opinião, empregos de qualidade gerados no Brasil.

Mas o Brasil tem uma produtividade baixa e mão de obra pouco qualificada. Como resolver esse problema?

O Brasil tem de investir mais na qualidade de mão de obra. Investir na qualidade de mão de obra é investir na educação. Primeiro, você tem que gerar cidadãos para depois ter profissionais. É o que o Sesi procura fazer em parceria com o Senai. Ter uma educação de qualidade universal, e o Senai, que é um irmão nosso, fazer capacitação profissional. A desqualificação da mão de obra veio muito da desregulamentação do mercado de trabalho. Ela produziu um entrave ao bom desenvolvimento industrial e um bom desenvolvimento econômico.

O governo anunciou recentemente um programa do carro popular de até R$ 120 mil. Será esse o caminho para desenvolver a indústria? Como dar novos subsídios antes de se fazer uma reforma tributária?

O projeto do carro popular não é obrigatoriamente todo subsidiado. Mas eu não tenho nada contra o subsídio, desde que tenha contrapartidas e um processo de início, meio e fim. Tem que ser uma política econômica, não pode ser emergencial o tempo inteiro. Você poderia ter alternativas que não fossem o carro popular, mas o governo está preocupado em reaquecer a indústria de alguma forma. Isso é positivo. É uma tentativa de aquecer o mercado e retomar a produção industrial. Pode não ser a melhor, mas é melhor que não ter nada, e não ter um governo preocupado com isso. Eu prefiro isso ao imobilismo e a falta de compromisso do governo passado.

A indústria brasileira que já teve um peso de 40% na economia e que está caindo. Como recuperar esse protagonismo?

As economias que, hoje, mais dão certo no mundo são resultados de um processo de reindustrialização. O Brasil e a América Latina precisam fazer a mesma coisa. Não queremos ficar para trás nesse processo da indústria 5.0.

Agora tem um segmento que pesa mais no PIB e paga menos tributo do que a indústria, que é o setor de serviços...

O setor de serviço depende de uma indústria forte, porque, senão, a roda não gira. Eu acho que um não deve ser competidor do outro. Se não houver entendimento entre todos, isso não vai andar. Não pode ter lobby no Congresso Nacional do setor A, B, C ou D para pagar menos ou não pagar. Todo mundo tem que contribuir. E os setores que contribuem menos ou não contribuem precisam entender o processo como um todo e buscar parcerias. É preciso buscar mais onde nós temos consensos e tentar esquecer os dissensos.

CB.AGRO

Rota das Frutas é aposta para agricultura familiar no DF

» HENRIQUE FREGONASSE*

A região do Distrito Federal e Entorno, em até sete anos, terá a maior produção de açaí do mundo. Com uma variedade desenvolvida pela Embrapa especificamente para o cerrado, cerca de 20 mil hectares devam ser plantados até 2030. Até agora, 320 hectares estão sendo cultivados na região.

O plantio de açaí é uma das iniciativas do Rota das Frutas, programa criado em 2021 que busca potencializar a agricultura familiar no entorno do DF por meio da fruticultura. Os detalhes da iniciativa e as expectativas para o futuro foram detalhadas, ontem, pelo técnico da Codevasf Luiz Curado, responsável pelo projeto, em entrevista ao CB.Agro — programa feito em parceria pelo **Correio Braziliense** e a TV Brasília.

"São 25 mil propriedades de agricultura familiar e assentamentos nos municípios da Ride-DF, muitas vezes sem nenhum planejamento ou estratégia que dê a elas oportunidade de crescer", disse Curado. A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno abrange mais de 30 municípios de Goiás e Minas Gerais, além do Distrito Federal.

O açaí é apenas um exemplo das variedades trabalhadas pelo programa. "Desenvolvemos uma metodologia para que as coisas acontecessem com mais celeridade. Começamos pensando no que o mercado demanda, nas frutas que têm melhor precificação no mercado. Aí pensamos 'por que não os berries?' Blueberry, mirtilo, amora preta gigante, framboesa, e ainda incorporamos o açaí", explicou.

Ao contrário do que normalmente se pensa, o solo do DF se mostra incrivelmente propenso ao cultivo de frutas como o mirtilo e o açaí. Segundo o técnico da Codevasf, as experiências com plantio de mirtilo no DF resultaram em uma produção precoce e num rendimento maior do que o esperado.

O projeto usa a distribuição de mudas para fortalecer o compromisso do produtor e realimentar o programa. "Os produtores recebem uma muda de graça e, quando fazem a primeira colheita, devolvem duas mudas. Cada duas rendem quatro, que rendem oito, que rendem 16, e por aí vai. O governo é isso, é um empurrão. Se der de graça, a pessoa pode não se comprometer", explicou o coordenador.

Mariana Lins



Segundo Luiz Curado, região do DF e Entorno pode ter a maior produção mundial de açaí dentro de sete anos

"Nosso projeto não é só para gerar renda. É para gerar dignidade e riqueza", afirmou Curado, fazendo um paralelo com a atuação da Codevasf no Vale do São Francisco, que multiplicou a produção de frutas em áreas de Minas Gerais e da Bahia. "Vimos a transformação de vida de pessoas que chegaram do nada e conseguiram ter sua dignidade, sua liberdade econômica através da fruticultura. Também é possível fazer aqui."

***Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo**